

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE GEOGRAFIA

SINTHYA SAMARA DE SOUSA GOMES

**ESTUDO DAS QUEIMADAS DOMÉSTICAS NO BAIRRO PARQUE BOM
VIVER I EM ARAGUAÍNA-TO**

ARAGUAÍNA-TO
2015

SINTHYA SAMARA DE SOUSA GOMES

**ESTUDO DAS QUEIMADAS DOMÉSTICAS NO BAIRRO PARQUE BOM
VIVER I EM ARAGUAÍNA-TO**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal do Tocantins, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado.

Orientador: Prof. Dr. Elias da Silva

Araguaína-TO
2015

SINTHYA SAMARA DE SOUSA GOMES

**ESTUDO DAS QUEIMADAS DOMÉSTICAS NO BAIRRO PARQUE BOM
VIVER/ ARAGUAÍNA-TO**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal do Tocantins, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado.

Orientador: Prof. Dr. Elias da Silva

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Elias da Silva (Orientador)

Prof. Ms. Roberto Antero

Prof. Dra. Kênia Gonçalves Costa

A minha saudosa Avó que jamais desistiu do sonho de formar filhos e netos.

AGRADECIMENTOS

Acima de qualquer pessoa, agradeço a meu bondoso Deus, que me deste o dom da vida e sabedoria. Por não me deixar fraquejar diante dos muitos obstáculos enfrentados no meio da minha caminhada.

A minha família (pais, esposo, irmãos), pelo amor incondicional.

As minhas amigas de classe que ao meu lado estiveram nessa jornada, no mesmo barco, nas alegrias e angústias. Quando tudo parecia estar perdido, lá estavam elas, prontas para não deixar a peteca cair, imaginando o dia da formatura.

A meu orientador pelo apoio, incentivo e orientação para a conclusão deste trabalho.

"... Professores, há aos milhares. Mas professor é profissão, não é algo que se defina por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança.

Rubem Alves

RESUMO

Um dos grandes problemas que afetam o meio ambiente são as queimadas ocasionadas nas áreas urbanas. A alta geração de lixo provenientes dos domicílios acarreta uma prática cultural muito antiga, mas bastante usada, que é a queima desse lixo doméstico. Observando essa situação e vendo que na cidade de Araguaína-TO a prática é usada frequentemente, surgiu a intenção de mostrar através de um setor, a realidade de vários outros que passam pelo mesmo problema. O setor pesquisado foi o Parque Bom Viver, que faz divisa com os setores Barros e Maracanã. Foram realizadas pesquisas a campo, registro fotográfico, entrevistas e aplicação de questionários com moradores e análise de alguns autores que abordam a questão da educação ambiental. Nas visitas a campo ficou evidente a falta de conscientização dos moradores do local, sendo constatado um alto índice de pessoas ateando fogo em lixos e lotes baldios com restos de galhadas. Isso, mesmo o setor contando com a coleta de lixo três vezes por semana, onde é possível se fazer a coleta de todo o material gerado em suas residências, e contribuir para a não proliferação de doenças causadas pelo acúmulo de lixo, como exemplo a dengue, zika vírus, calazar, e tantas outras doenças. Contudo, é de extrema importância o estudo aqui realizado, com o perfil e a opinião de alguns moradores, onde se tem os resultados que identificam a carência de campanhas que intensifiquem a educação ambiental dentro do seio da sociedade.

Palavras-chave: Araguaína, Parque Bom Viver I, Queimadas

ABSTRACT

A major problem affecting the environment are caused fires in urban areas today. The high generation of waste from the households entails a very ancient cultural practice, but widely used, is that the burning household waste. Observing this situation and seeing that the city of Araguaína-TO practice is often used, appeared intended to show through a sector, the reality of many others who face similar problems. The researched sector was the park Healing, which borders with Barros and Maracanã sectors. Surveys were conducted in the field, photographic register, interviews and questionnaires with residents and analysis of some authors that address the issue of environmental education. In field visits became apparent lack of awareness of local residents, and found a high rate of people setting fire to garbage and vacant lots with antlers remains. So even the industry relying on garbage collection three times a week, where you can make the collection of all the material generated in their homes and contribute to non-proliferation of diseases caused by the accumulation of garbage, for example dengue, zika virus, kala azar, and many other diseases. Yet it is extremely important to study here performed with the profile and the opinion of some residents, where one has the results identifying the lack of campaigns to intensify environmental education into the mainstream of society.

Keywords: Trash. Burned. Environmental Education

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL: uma breve discussão	11
2 PARQUE BOM VIVER: um pouco de seu histórico	18
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES DOS DADOS DA PESQUISA	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

Ainda que a preocupação com o meio ambiente e formas mais sustentáveis de se viver estejam a pleno vapor nos dias atuais, persistem os costumes de uma população, que parece não querer enxergar a emergência em se procurar práticas que tragam o bem-estar tanto para si própria, quanto para o seu meio.

O Brasil é um país rico em biodiversidade, belezas naturais, florestas deslumbrantes, mas, pobre em conscientização popular à preservação ambiental, e isso acarreta sérios problemas visíveis a qualquer pessoa. Um exemplo de problema é a grande quantidade de lixo gerado e a destinação final dada a ele. Partes desses resíduos são de procedência domiciliar, sendo possível encontrar diversos tipos de resíduos, inclusive tóxicos, que se misturam aos orgânicos e juntos, tendem a ir parar em locais impróprios.

As formas corretas de destinação final do lixo dependem bastante da condição de vida da população, já que é difícil ver sua incineração em bairros de classe média e alta, e isso influi diretamente no modo de vida dessas pessoas.

Nem sempre as pessoas de classe baixa contam com a coleta de lixo domiciliar, feita por empresas contratadas pelas prefeituras, e se veem obrigadas a enterrar ou queimar o lixo em lotes baldios próximos as suas residências, ou nelas mesmo.

De acordo com o censo demográfico feito pelo IBGE em 2010, a cidade de Araguaína tinha 150.484 habitantes e um total de 41.625 domicílios. Nesse ano de 2015, a população estimada é de 170.183 habitantes. Analisando os dados estatísticos do censo em outros anos, percebe-se que a população da cidade vem crescendo consideravelmente. Então pode-se dizer que a quantidade de resíduos sólidos gerados será bem maior, já que mais pessoas significa, mais geração de lixo.

Em diversos setores da cidade, é comum nos depararmos com pessoas queimando montantes de lixo, que vai de folhas de árvores, até sofás velhos. Esse quadro se agrava nos meses mais secos do ano, e é onde também se agravam alguns problemas de saúde, como o respiratório.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho, se deu através de pesquisas bibliográficas, visitas a campo, coleta de dados (fotos, entrevistas e questionário).

A pesquisa em questão tem por objetivo, observar práticas, analisar o perfil dos moradores do setor através de entrevistas, e mostrar que a queima do lixo não é a

melhor alternativa para a destinação final do lixo doméstico, sendo considerado crime ambiental.

Justifica-se que através dessa percepção, surgiu a inquietação em mostrar de maneira clara as consequências da cultura milenar para a queima do lixo, com observações no setor Parque Bom Viver. A escolha por esse setor se deu pelo fato de ser o bairro onde resido, possuir população de maioria carente, e se tornar fácil as visitas à campo. Com esse projeto propõe-se analisar hábitos culturais ainda usados pelos moradores do local.

A pesquisa foi dividida em três capítulos. No primeiro, faremos uma breve discussão sobre a questão ambiental, e como ela é importante na formação de cidadãos conscientes. O segundo, trará a caracterização e análise do campo de pesquisa, dando enfoque ao histórico do setor através das entrevistas com alguns dos moradores do bairro. No terceiro e último capítulo, teremos o resultado da pesquisa realizada.

1. EDUCAÇÃO AMBIENTAL: UMA BREVE DISCUSSÃO

Não podemos iniciar qualquer discussão sobre o lixo gerado nas residências, sem mencionar a emergência em se conhecer um pouco mais sobre a Educação Ambiental (EA) e sua importância na educação de crianças, jovens e adultos.

Um tema, que é cada vez mais usado e difundido, dentro e fora da sala de aula. O mundo vive uma crise ambiental, onde seus recursos naturais se limitam em grandes proporções, a população mundial cresce rapidamente, e com isso, a necessidade de políticas públicas que ajudem na conservação e preservação dos recursos ainda existentes.

Segundo Carvalho (2008) a EA surge da preocupação da sociedade com o futuro da vida e com a qualidade da existência das presentes e futuras gerações. Nesse sentido, podemos dizer que a EA é herdeira direta do debate ecológico e está entre as alternativas que visam construir novas maneiras dos grupos sociais se relacionarem com o meio ambiente.

Apesar do grande esforço de uma minoria em se buscar formas sustentáveis de vida, contribuindo assim com o meio ambiente, uma parcela da população permanece com hábitos primitivos de vida, agredindo de diversas formas a natureza e ao seu redor.

Não é de hoje que se fala em Educação Ambiental, ecologia, sustentabilidade. Conforme Carvalho (2008), no Brasil a EA aparece na legislação desde 1973, como atribuição da primeira Secretaria Especial do Meio Ambiente (Sema). Mas é principalmente nas décadas de 80 e 90, com o avanço da consciência ambiental, que a EA cresce e torna mais conhecida.

A partir dessas décadas, novos grupos, ONG'S e movimentos sociais, ganham forças e novos adeptos, pessoas preocupadas com o bem-estar do meio e com o futuro dos que virão.

Através da EA, surgiu o desenvolvimento sustentável, formas que não agridam o meio ambiente, onde:

A chave para o desenvolvimento é a participação, a organização, a educação e o fortalecimento das pessoas. O desenvolvimento sustentado não é centrado na produção, é centrado das pessoas. Deve ser apropriado não só aos recursos e ao meio ambiente, mas também a cultura, história e sistemas sociais do local onde ele ocorre (DIAS, 2004, p. 226).

Contudo, podemos dizer que a EA, é uma ferramenta para a educação de cidadãos mais conscientes de seus atos, indivíduos que tenham a preocupação em conhecer formas sustentáveis de vida e com melhor qualidade, sem agredir os recursos disponíveis para o uso no meio ambiente.

Em razão de tudo isso, a EA tem o importante papel de fomentar a percepção da necessária integração do ser humano com o meio ambiente. Uma relação harmoniosa, consciente do equilíbrio dinâmico na natureza, que possibilite, por meio de novos conhecimentos, valores e atitudes, a inserção do educando e do educador como cidadãos no processo de transformação do atual quadro ambiental do nosso planeta (GUIMARÃES, 1995, p. 15).

Ainda segundo Guimarães (1995) a expressão Educação Ambiental massificou-se, mas seu significado ainda é pouco claro entre educadores e, principalmente, entre a população em geral, sendo muitas vezes confundido com o ensino de ecologia.

O que realmente necessita-se, é de uma profunda transformação na sociedade, inicialmente dentro da sala, já que crianças e jovens são a esperança de um futuro melhor, e é através delas, que pais e população em geral terão uma percepção diferente a respeito do assunto.

A EA é, então, um processo de aprendizagem, longo e contínuo, que:

- 1) Procura aclarar conceitos e fomentar valores éticos, de forma desenvolver atitudes racionais, responsáveis, solidárias entre os homens;
- 2) Visa instrumentalizar os indivíduos, dotando-os de competência para agir consciente e responsabilmente sobre o meio ambiente, através da interpretação correta da complexidade que encerra a temática ambiental e da inter-relação existente entre essa temática e os fatores políticos, econômicos e sociais. (GUIMARÃES, 1990 apud GONÇALVES, 1995, p. 27)

Esse deve ser um tema a ser discutido a qualquer hora, seja onde for, devido ao peso que carrega, e teria como finalidade:

Promover a compreensão da existência e da importância da interdependência econômica, política, social e ecológica da sociedade; proporcionar a todas as pessoas a possibilidade de adquirir conhecimentos, o sentido dos valores, o interesse ativo e as atitudes necessárias para proteger e melhorar a qualidade

ambiental; induzir novas formas de conduta nos indivíduos, nos grupos sociais e na sociedade em seu conjunto, tornando-a apta a agir em busca de alternativas de soluções para os seus problemas ambientais, como forma de elevação da sua qualidade de vida (DIAS, 2004, p. 83).

Segundo Dias (2004) o Brasil é o único país da América Latina que tem uma política nacional específica para a Educação Ambiental. Mas o que vemos ainda, é a falta de projetos que saiam do papel e se tornem reais, ativos. Essa educação tem que ser posta em prática, vivenciada, ensinada de maneira correta a todos, porque é para isso que ela surgiu, para modificar o quadro triste de degradação dos recursos naturais.

Acreditamos, esse ser o melhor caminho para a transformação do pensamento consumista, da não-preservação, através do desenvolvimento sustentável (DS). O DS busca compatibilizar as necessidades de desenvolvimento das atividades econômicas e sociais com as necessidades de preservação ambiental (DIAS, 2004, p. 121).

Podemos conviver em harmonia com a natureza, sem precisar agredi-la, ter uma melhor qualidade de vida consumindo somente o necessário, e lembrar que outras pessoas também irão precisar desses recursos mais adiante.

Uma porta de saída para o desenvolvimento sustentável é o enfoque maior da EA nos parâmetros curriculares das escolas. A formação e capacitação de novos indivíduos, que cabe à nós, futuros professores.

Em EA é preciso que o educador trabalhe intensamente a integração entre ser humano e ambiente e se conscientize de que o ser humano é natureza e não apenas parte dela. Ao assimilar essa visão (holística), a noção de dominação do ser humano sobre o meio ambiente perde o seu valor, já que estando integrado em uma unidade (ser humano/natureza) inexiste a dominação de alguma coisa sobre a outra, pois já não há mais separação (GUIMARÃES, 1995, p. 30).

A relação homem/natureza tem que ser harmoniosa, as leis ambientais têm que ser aplicadas corretamente. A qualidade de vida hoje, depende disso. Não falar em EA, é omitir a verdade, ela tem que estar presente no desenvolvimento humano.

No trabalho de conscientização é preciso estar claro que conscientizar não é simplesmente transmitir valores “verdes” do educador para o educando; essa

é a lógica da educação “tradicional”; é na verdade, possibilitar ao educando questionar criticamente os valores estabelecidos pela sociedade, assim como os valores do próprio educador que está trabalhando em sua conscientização. É permitir que o educando construa o conhecimento e critique valores com base em sua realidade [...] (GUIMARÃES, 1995, p. 31).

A quem pense que esse tema, deva ser tratado apenas em sala de aula, sem participação da comunidade em geral, mas o homem em si, deve conhecer e ajudar a difundir essa questão, já que somos nós os responsáveis por atos que afetam a natureza.

Segundo Drew (2010), o homem é uma criatura racional, embora haja quem pense o contrário. Suas atitudes para com a Terra e suas reações ao ambiente têm variado através do tempo e ainda variam entre regiões e culturas.

Mas será que o costume em atingir tão diretamente a natureza, está tão ligado assim aos costumes e a cultura herdada de nossos ancestrais? Isso será o que veremos no decorrer desta pesquisa.

Como diz Drew (2010), a tradição cultural tem desempenhado o seu papel na determinação do comportamento das pessoas em relação ao ambiente.

A EA busca mudar esse tipo de comportamento, instruindo novos indivíduos, que visualizem com mais exatidão a que pé está a situação mundial, onde conforme o autor citado acima, as áreas urbano-industriais representam a mais profunda modificação humana da superfície da Terra, da atmosfera e do ecossistema terrestre.

“As alterações ecológicas provocadas por ambientes poluídos, ou de qualquer forma conturbada, espriam-se para muito além dos limites urbanos” (DREW, 2010 p. 177).

Inserir a EA na rotina escolar de crianças e jovens se tornaria uma porta de saída para o status atual, tanto aquelas que vivem no meio urbano, quanto o meio rural.

No meio rural, pela própria dispersão das populações humanas e suas atividades econômicas, o impacto ambiental dá-se geralmente em menor dimensão. Nesse meio, conta-se ainda com maior presença de elementos naturais que no meio urbano, o que causa maior proximidade física e psicológica entre o homem rural e a natureza, mesmo tendo ciência de que esse homem também atua desequilibradamente sobre esse ambiente ao seguir a lógica do modelo. Pode-se perceber essa tendência pelo crescimento dos problemas ambientais do meio rural, tais como: contaminação do ambiente

por agrotóxico, intensificação dos processos de erosão, desertificação, entre outros (GUIMARÃES, 1995 p. 35).

É visível a percepção de que o meio urbano sofre mais que o rural, já que ação antrópica modificou bastante esses espaços. São grandes as transformações sofridas por áreas urbanas, o impacto ambiental ocasiona uma piora na qualidade de vida das pessoas. Sem vegetação o clima se torna mais quente, poluído, doenças respiratórias aumentam, os animais perdem seu espaço para dar lugar a imensos prédios.

“Na EA essas diversidades devem ser trabalhadas pelo educador, de modo que sensibilize o educando de acordo com a sua realidade local, ou seja, trabalhar a vivência imediata para chegar a uma vivência plena” (GUIMARÃES, 1995 p. 36).

Ensinar EA vai além dos muros escolares, um caminho certo, porém já bastante usado é o planejamento. Tudo o que é planejado antes, posto num papel para reflexão, tende a se desenvolver e se concretizar.

Conforme os princípios básicos descritos pela Educação Ambiental, o planejamento das ações deve ser essencialmente participativo: professores, alunos, segmentos comunitários, agentes sociais de uma prática social em que cada um contribua com sua experiência acumulada, sua visão de mundo e suas expectativas, aflorando contribuições (GUIMARÃES, 1995 p. 40).

O papel dos professores é essencial para impulsionar as transformações de uma educação que assume um compromisso com a formação de valores de sustentabilidade, como parte de um processo coletivo (PARENTE; MAGALHÃES, 2008 p. 141).

O professor dentro da sala de aula se torna o educador ambiental, e tal designação remete que eles têm o papel de formar e informar aos educandos.

A educação ambiental, nas suas diversas possibilidades abre um estimulante espaço para um repensar de práticas sociais e o papel dos professores com mediadores e como transmissores de um conhecimento necessário para que os alunos adquiram uma base adequada de compreensão (PARENTE; MAGALHÃES, 2008 p. 141).

Conseguir levar esse conhecimento ambiental aos quatro cantos, fazer com que ele chegue a todos os indivíduos da sociedade leva um tempo, a união dos poderes

públicos e privados em prol de ações que beneficiassem a dissipação desse conhecimento traria bons resultados.

A educação ambiental busca um novo ideário comportamental, tanto no âmbito individual quanto coletivo. Ela deve começar em casa, ganhar as praças e as ruas, atingir os bairros e periferias, evidenciar as peculiaridades regionais, apontando para o nacional e o global. Deve gerar conhecimento local sem perder de vista o global, precisa necessariamente revitalizar a pesquisa de campo, no sentido de uma participação pesquisante, que envolva pais, alunos, professores e comunidade. É um passo fundamental para a conquista da cidadania (OLIVEIRA, 2000 p. 88).

Segundo Dias (1997), a Educação Ambiental ainda que desenvolvida pela escola formal, incita mudanças na estrutura e funcionamento do ensino, possibilitando a aprendizagem, o conhecimento por meio de aulas práticas, discussões em grupos.

E segue dizendo que, no âmbito informal, vê-se que educar ambientalmente é também possível, através de palestras, contatos, discussões que incitem os indivíduos a buscarem maiores subsídios para o trato dessa questão especificamente.

Ser um educador ambiental é participar ativamente da vida cotidiana de pais e alunos, é tentar mudar o despreparo de muitos ainda, em relação as suas ações para com o meio ambiente, e quão modificado ele se encontra por consequência de atos errôneos.

Para evitar sensacionalismo e superficialidade, temas ambientais devem ser explorados em diversas escalas temporais e espaciais. Isto é, devem ficar claras para o espectador considerações como prazos curtos ou longos do crescimento de uma árvore, efeitos locais, regionais ou globais de um fenômeno, e as comunidades locais e internacionais envolvidas. Quem educa precisa estar sempre atento a sentimentos, valores, atitudes e percepções dos aprendizes para respeitá-los ou mesmo poder contribuir na formação de novos conceitos e valores (COSTA; TRABJER, 2001 p. 25 e 26).

Formar cidadãos conscientes ainda é uma grande dificuldade, pode-se ensinar o que é correto dentro dos muros escolares, e fora deles o indivíduo não quer aplicar o que aprendeu ou até mesmo repassar. Maneiras sustentáveis que não agridam o meio ambiente existem aos montes, mas poucos as usam.

A modificação do meio natural em decorrência da ação antrópica vai além do que muitos possam imaginar, há situações em que a natureza leva anos para conseguir

se regenerar. Árvores cortadas, queimadas, rios assoreados e sem mata ciliar, diversas agressões sofridas pela natureza, que alteram o habitat natural de muitos seres vivos.

A EA é emergente e mais ainda, a capacitação de pessoas que saibam lidar com o tema, pondo em prática seus ensinamentos.

O mundo como laboratório deve ser a perspectiva dos professores que trabalham a Educação Ambiental. A limpeza da sala de aula e a atitude de solidariedade na sua manutenção são uma aula prática que ser dada sem necessidade de recursos mais elaborados. A expansão da sala de aula para a escola é um passo que deve ocorrer de forma integrada com a participação de todos, inclusive dos professores e gestores, que devem ser exemplo para os educandos (SILVA; CASTRO; CASTILHO, 2008 p 111).

Educar ambientalmente cada pessoa constituinte nesse novo modelo de sociedade consumista, é uma questão difícil a ser enfrentada, mas necessária em virtude do caos enfrentado no meio ambiente. O grande problema da civilização moderna, industrial, tecnológica, segundo Branco 1998, talvez é o de não ter percebido que ela ainda depende da natureza. Precisamos da natureza para sobrevivermos nesse mundo, e o que ela nos oferece talvez pareça infinita, mas nem tudo se mostra assim.

2. PARQUE BOM VIVER: UM POUCO DE SEU HISTÓRICO

A cidade de Araguaína-TO hoje possui uma infinidade de setores, muitos criados através de invasões. Um exemplo disso é o setor Parque Bom Viver, que faz divisa com o setor Barros, sendo confundido por muitos como um único setor. O setor Barros mesmo sendo bem mais antigo que o Parque Bom Viver é fruto de invasão e não é regularizado juntos aos órgãos municipais.

A BR 153 corta esses setores, e o que diz os antigos moradores é que o setor Barros surgiu bem antes que todos os setores atuais, na época o único setor que a cidade possuía era a feirinha, o restante era só mato.

As entrevistas feitas para essa pesquisa se deu com o Srs. Elias Pereira e Domingos Batista Pinto. O histórico em si baseia-se em poucos fatos, mas foi o máximo conseguido nas entrevistas.

Segundo os entrevistados, os primeiros moradores do então setor começaram a firmar moradia através da invasão de lotes a cerca de 20 anos atrás. A área que hoje forma o Parque Bom Viver, era uma vasta fazenda, que inúmeras vezes dita como pertencente a um fazendeiro, que por algumas vezes tentou a reintegração de posse da área, mas sem sucesso. Houve casos de pessoas que já possuíam lotes no setor vizinho, se apossaram de lotes no novo setor, repassando a terceiros na sequência.

Na época era possível comprar um lote a quinhentos reais, foi assim que muitos fizeram, compravam mais baratos e revendiam tempos depois com um preço maior. Em uma das vezes que surgiu o dono da área, foi autorizado a remoção das pessoas que já residiam na área, mas por ajuda de alguns políticos, não foi possível retirar essas famílias do local.

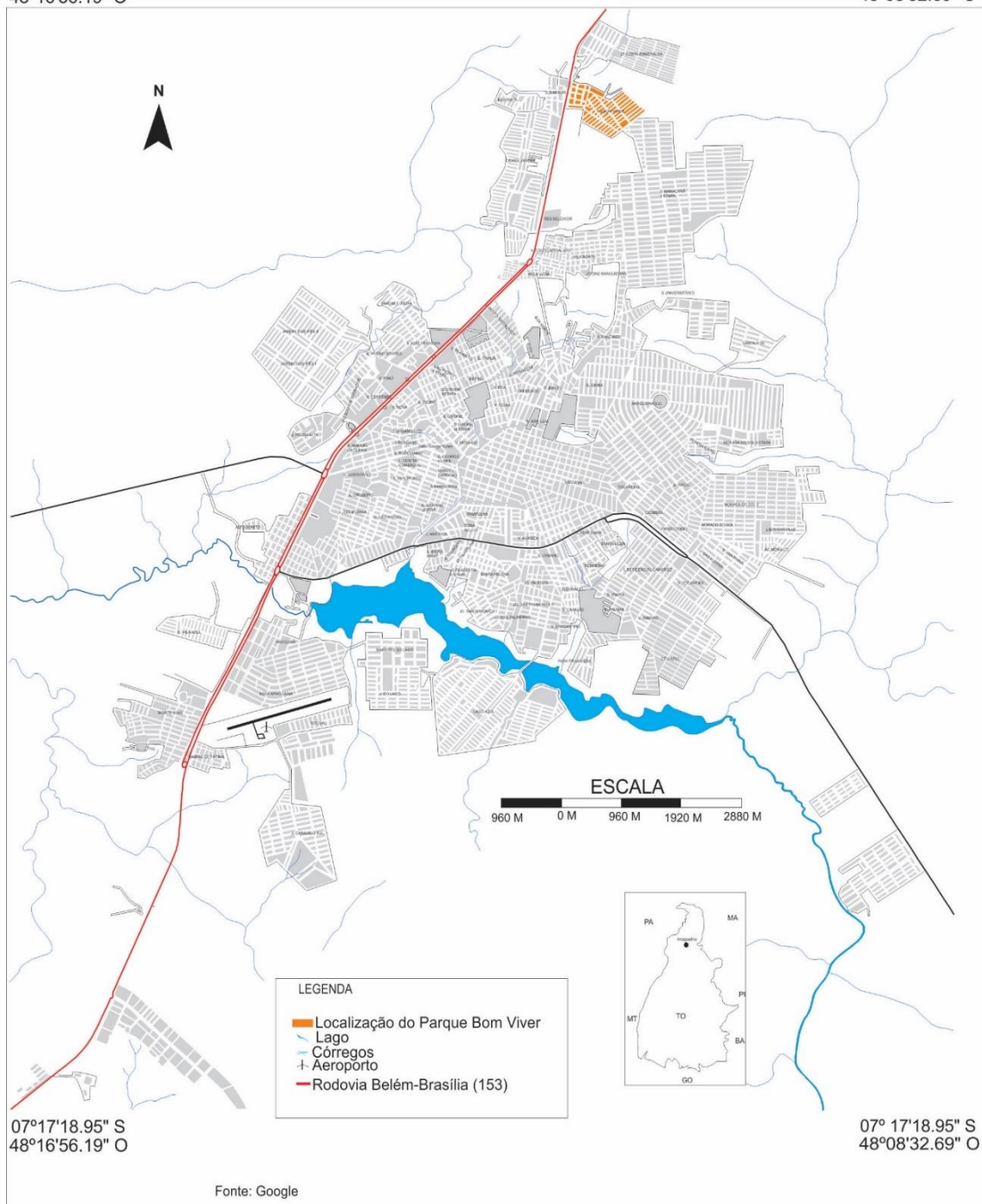
O setor Barros fica tanto a margem esquerda, quanto a margem direita da BR 153, uma de suas principais ruas corta os dois setores, como é o caso da rua 29 e rua Rodoviária. O setor Barros finda-se na rua Rodoviária e o Parque Bom Viver tem início na rua 06.

Desde o último censo realizado na cidade, o que se pode notar foi um avanço na quantidade de residências criadas acima da rua 24 no Parque Bom Viver. Uma informação relevante dita na entrevista é de que uma parte da rua 24 e algumas ruas acima dessa em direção ao setor Maracanã, fazem parte do município de Babaçulândia. A seguir temos um mapa da cidade, dando enfoque ao setor pesquisado.

Mapa 1: Araguaína-TO

07°07'30.06" S
48°16'56.19" O

07°07'30.06" S
48°08'32.69" O



Como já foi dito anteriormente, nenhuma residência possui escritura, sendo todas Sessão de Direito, mas contam com serviços de água e energia, coleta de lixo, dentre outras. A Unidade Básica de Saúde Barros atende aos moradores dos dois setores, e está instalada provisoriamente num prédio alugado na Avenida Bernardo Sayão, no setor Barros. A nova sede da unidade básica, está em fase de acabamento e ficará localizada na rua 08 do Parque Bom Viver.

Duas escolas atendem aos alunos do setor, uma estadual e outra municipal: Escola Estadual Henrique Cerqueira Amorim e Escola Municipal Moderna.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES DOS DADOS DA PESQUISA

Observou-se que a prática da queima do lixo doméstico no setor pesquisado ainda é bastante utilizada, sendo um costume antigo, cultural e milenar, utilizado na zona rural para limpeza de pastos, mas que foi trazida para a zona urbana e é utilizada de forma incorreta e ilegal por várias pessoas. Motivada também pela deficiência do serviço público de coleta de lixo, que beneficia pouco mais da metade dos domicílios (54,8%).

A prática é corriqueira e pode ser vista por qualquer morador do setor, já que a grande maioria das residências do setor não são muradas. Mas nem todos se preocupam em levar o caso à sério e cobrar mais ações do poder público e participação da comunidade em geral.

Os meses mais quentes do ano na cidade, são também os mais utilizados para tal prática, e a falta de conhecimento sobre os efeitos que isso pode causar ao meio ambiente, quando diversos poluentes atingem a atmosfera.

Como já foi dito anteriormente, o setor conta com a coleta de lixo doméstico, feita por uma empresa contratada pela prefeitura, mas nem mesmo assim, alguns moradores deixam de incinerar o lixo em suas residências ou lotes baldios mais próximos. Durante a pesquisa, foi constatado que algumas ruas que se encontram sem pavimentação asfáltica, como exemplo as ruas 12, 14, e 16, não contam com a coleta diretamente em frente suas residências, tendo que juntar o lixo e deixar em locais que o carro da coleta possa recolher.

Devido isso, alguns moradores preferem queimar o lixo, principalmente aqueles que possuem árvores de grande porte em seus quintais. Infelizmente não são somente folhas que se incineram, mas também, plásticos até sofás velhos.

O despreparo da sociedade em relação ao conhecimento de que nem tudo é lixo é grande. Diversos materiais descartados são recicláveis, e o resto de comida e folhas de árvores podem virar ótimos adubos para serem usados em hortas orgânicas.

Figura1 – Queima de diversos materiais em um lote baldio na rua 05



Fonte: GOMES, 2015

Para compreender um pouco da realidade dos moradores do setor Parque Bom Viver, foram realizadas algumas entrevistas, em ruas distintas e com faixas etárias diferentes, para melhores resultados.

Ao todo foram entrevistadas 16 (dezesseis) pessoas, desse total, 3 (três) são crianças, 3 (três) adolescentes, 6 (seis) adultos e 4 (quatro) idosos.

Os entrevistados responderam a um questionário, onde o foco principal era compreender seus conhecimentos em relação aos efeitos causados pela queima do lixo doméstico e sobre Educação Ambiental e suas origens, se urbano ou rural.

Com base nas respostas obtiveram-se os resultados expostos a partir de gráficos.

Gráfico 01: Sua origem é urbana ou rural?

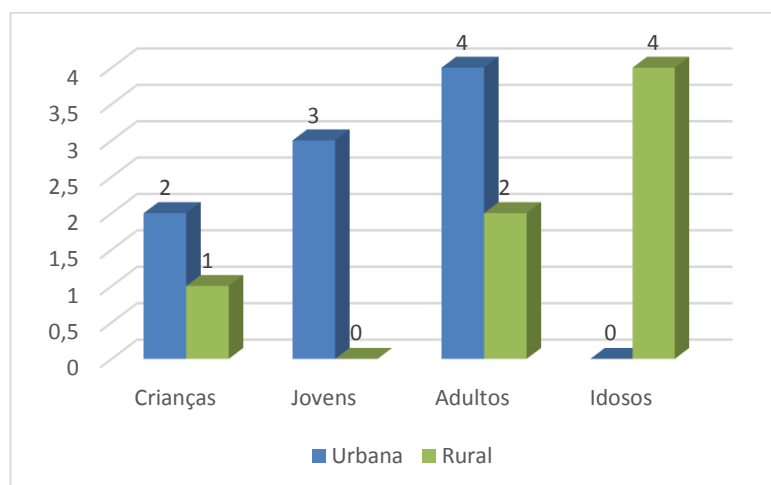


Gráfico: 01 Fonte: Gomes. MS 2015

No resultado obtido através da primeira pergunta: Sua origem é urbana ou rural, das três crianças entrevistadas duas disseram que possuem origem urbana e uma rural. Dos três jovens, todos disseram possuir origem urbana. Dentre os seis adultos, dois disseram possuir origem rural e os outros quatro, origem urbana. Já dos quatro idosos entrevistados, todos disseram possuir origem rural, vindo morar na cidade após adultos.

Gráfico 2: Você queima seu lixo?

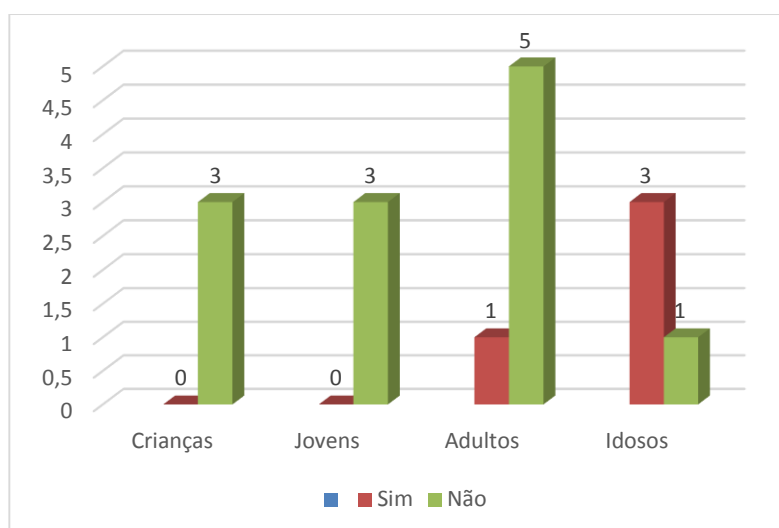


Gráfico: 02 Fonte: Gomes. MS 2015

No segundo gráfico, temos o resultado das respostas obtidas através do questionamento feito com relação a queima ou não do lixo doméstico gerado nas residências onde, nenhuma criança disse queimar ou ver seus pais fazerem tal ação, assim como os três jovens disseram não queimar o lixo, por não ser correto. Dos seis adultos, cinco responderam não e um sim, por fim, um idoso respondeu não e três sim, que queimam seu lixo, mesmo havendo coleta no setor.

Gráfico 03: Você sabe quais os efeitos causados a saúde e ao meio ambiente através da queima do lixo:

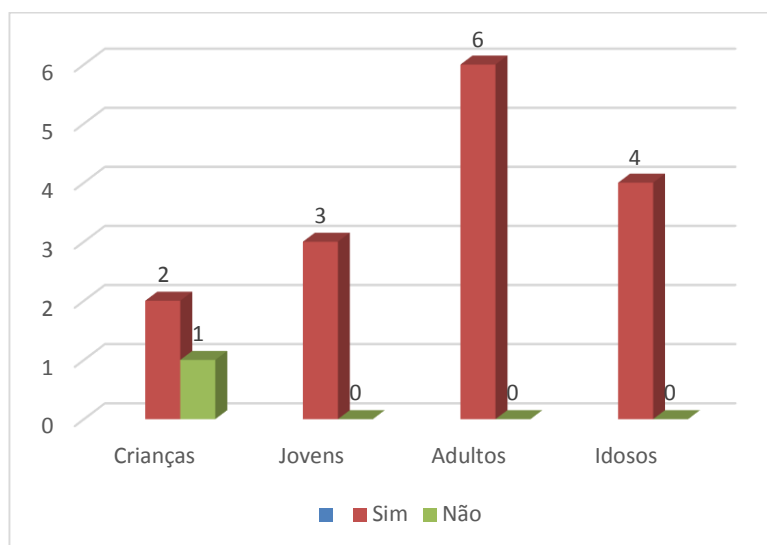


Gráfico: 03 Fonte: Gomes. MS 2015

Em relação ao terceiro gráfico, das dezesseis (16) pessoas entrevistadas somente uma, sendo essa criança, disse não saber quais os efeitos que a queima do lixo pode ocasionar a saúde e ao meio ambiente. O restante (15 pessoas) respondeu sim, já que esse é assunto que sempre está na mídia, através dos canais de rádio e televisão.

Gráfico 04: Você já teve problemas de saúde ocasionados pela fumaça gerada através das queimadas?

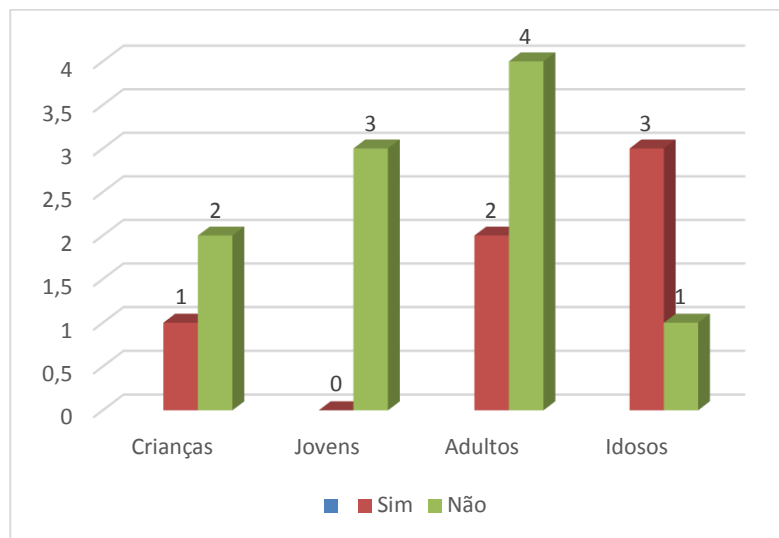


Gráfico: 04 Fonte: Gomes. MS 2015

Dentre as três crianças, duas disseram que já terem tido algum tipo de problema de saúde, e uma respondeu que não. Os três jovens responderam não, dos seis adultos dois responderam que sim e quatro não. Dos quatro idosos, três já tiveram problemas de saúde, tendo que procurar ajuda médica na unidade básica de saúde do setor, com sintomas de falta de ar, ardor nos olhos e cansaço. Somente um idoso disse não ter tido problemas de saúde.

Gráfico 05: Você sabe o que é Educação Ambiental?

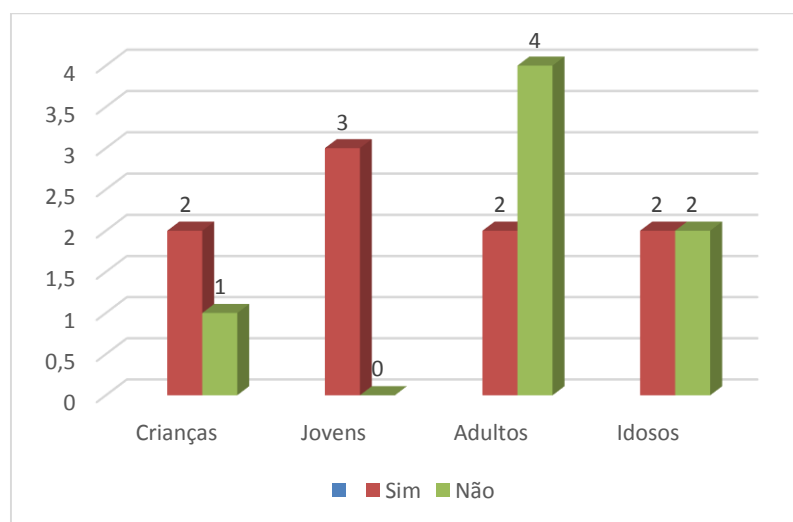


Gráfico: 05 Fonte: Gomes. MS 2015

Com base na última pergunta da entrevista (gráfico 05), a maioria dos entrevistados relataram ter algum tipo de conhecimento sobre Educação Ambiental, seja através de parentes e conhecidos, ou através dos meios de comunicação. As duas crianças que responderam sim, disseram “ter aprendido com os tios e tias da escola”, uma disse não saber. Todos os jovens afirmaram conhecer sobre o tema e já terem participado de ações nas escolas que envolveram Educação Ambiental, como a limpeza da praça e plantação de mudas na mesma, desenvolvimento de hortas orgânicas dentro da própria escola, dentre outras ações durante o ano letivo. Dentre os adultos, dois responderam sim e quatro não e entre os idosos foram dois sim e dois não.

A presente pesquisa nos revelou a falta de conhecimento e consciência por parte de alguns moradores do setor. Durante a realização das entrevistas, feitas nas residências dos entrevistados, foram constatados alguns moradores juntando folhas secas e resto de lixo orgânico para queimar, mesmo sendo observado que o carro que faz a coleta de lixo passava frente as suas residências.

Uma total falta de respeito para com o vizinho e com o meio ambiente. Alguns moradores relataram sofrer muito durante os meses mais secos do ano com a fumaça e a fuligem que atingem suas casas, deixando tudo mais sujo. Essa prática tão antiga usada na zona rural para a limpeza de áreas destinadas a agricultura e trazida para a zona urbana pelos mais velhos, ainda é passada entre famílias, isso foi o que se pôde observar através da primeira pergunta feita aos entrevistados, onde os idosos responderam possuir origem rural e a maioria também disse queimar o lixo gerado nas suas residências.

Através disso podemos ter a certeza das palavras usadas anteriormente neste trabalho, onde Drew (2010) afirma que, a tradição cultural tem desempenhado o seu papel na determinação do comportamento das pessoas em relação ao ambiente. E esse comportamento que deve ser mudado.

Diversas ações de conscientização sobre a queimadas e suas consequências são veiculadas na mídia, nas escolas o tema também é reforçado.

Infelizmente a ideia de desenvolvimento sustentável ainda não está difundida no meio da sociedade. Algumas pessoas dizem nem saber do que se trata o assunto, então

algo quer dizer que falta algo para isso se tornar realidade, começando pela Educação Ambiental.

Inserir a Educação Ambiental no cotidiano escolar e através deste, da sociedade em geral, é desafio a ser conquistado. O papel do educador de geografia é, assim como o de biologia, história e outras disciplinas, é pôr o assunto sempre em pauta, não deixar somente para aqueles dias que escolhem no calendário escolar para a semana do meio ambiente ou no dia da árvore, como é visto em muitos casos.

Em conversa com as crianças e jovens entrevistados para essa pesquisa, foi relatado suas vivências em torno do assunto e como ele é proposto dentro da sala de aula pelo professor de geografia. Eles disseram terem sido poucas as vezes em que o professor levantou a questão sobre EA, ficando contidas à poucas aulas. As participações dos pais em atividades escolares são raras.

Assim, uma ação a ser proposta como dito por Oliveira, 2000 p.88, “é revitalizar a pesquisa a campo, envolvendo pais, alunos, professores e comunidade”. A participação de todos é a grande diferença quando se almeja algo em comum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui realizada, incluindo entrevistas e questionários a moradores do setor Parque Bom Viver na cidade de Araguaína-TO, buscou mostrar a real situação de uma prática bastante usada nos dias atuais, que afeta a saúde e o meio ambiente: a queimada do lixo doméstico. Prática essa, criminosa, mais que poucos dão a importância que se precisa. As consequências aparecem através de casas totalmente invadidas por cinzas, pessoas com problemas respiratórios, principalmente crianças e idosos que são a faixa etária mais atingida, visibilidade pouca nas rodovias em decorrência da fumaça, dentre tantas outras más consequências.

Mas, a prática de queimadas não se condiciona apenas a esse setor, em diversos outros setores da cidade é possível verificar tal ação. Durante os meses mais quentes do ano, a situação piora. Não é à toa, que o estado sempre fica entre os com maiores focos de queimadas. Um pequeno foco pode ocasionar um incêndio de grandes proporções, se a mentalidade da população não modificar. Queimar folhas, mesmo que em pequena quantidade é prejudicial, pneus, plásticos e tantos outros materiais, são lançados e afetam a qualidade do ar e da vida das pessoas. O meio ambiente pede socorro.

A união escola/comunidade se faz necessária e emergencial, a Educação Ambiental precisa chegar e fazer da vida de todos, desde os mais pequenos até os mais idosos. Através dessa pesquisa ficou claro que a mentalidade que gira em torno do assunto é pouca, na maioria das vezes, pela falta de vontade, e não por falta de oportunidade.

Os resultados aqui obtidos, buscam mostrar a situação atual de um setor, onde pessoas de faixas etárias diferentes, possuem conhecimentos e perspectivas distintas uns dos outros. Serve como base para a análise social e cultural de um setor que precisa de maior atenção por parte do poder público. O desejo de alguns moradores entrevistados é o de regularização do setor, acabando assim com as sessões de direitos e dando lugar a casas escrituradas.

Os moradores entrevistados que disseram não queimar seu lixo, relataram a falta de fiscalização no setor para multar ou mesmo conscientizar aqueles que praticam isso. O poder público que rege as leis em torno da questão, e é quem precisa dar mais

atenção ao tema. Os altos impostos pagos pela população deveriam ser revestidos em benefícios para o setor. Queimadas são prejudiciais e afetam a vida e o bolso tanto da sociedade quanto do poder público, já que isso acarreta mais pessoas com problemas de saúde e conseqüentemente um gasto a mais com medicamentos na rede de saúde. Então, o certo a se fazer não é somente fiscalizar, é também oferecer serviços de qualidade aos moradores, tudo isso acompanhado da educação e formação.

REFERÊNCIAS

BRANCO, Samuel Murgel, 1930. **O meio ambiente em debate**. São Paulo: Moderna, 1988.

BRASIL. IBGE. **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em: www.ibge.gov.br. Acesso em 17 nov. 2015.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

COSTA, Larissa Barbosa da; TRABJER, Rachel (Org.). **Avaliando a educação ambiental no Brasil**. São Paulo: Peirópolis: Instituto Ecoar para a Cidadania. 2001.

DIAS, Daniella Maria dos Santos. **Enunciações de um educador ambiental: o utópico é possível em educação**. Belém: UFPA. NUMA, SECTAM, Ministério Público, 1997.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004.

DREW, David. **Processos interativos homem-meio ambiente**. 7. ed. São Paulo: Difel, 2010.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

OLIVEIRA, Elísio Márcio de. **Educação ambiental uma possível abordagem**. 2. ed. Brasília: Ed. IBAMA, 2000.

PARENTE, Temis Gomes; MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra (Org.). **Linguagens plurais: cultura e meio ambiente**. Bauru, SP: EDUSC, 2008.

SILVA, Norma Lucia da; CASTRO, José Gerley Diaz; CASTILHO, Mariana W. V. de (Org.). **Estudos multidisciplinares para a educação ambiental: O Tocantins em destaque**. Goiânia-GO: Kelps, 2008.